

Recensões

WERNER SCHNEIDERS — Die wahre Aufklärung-Zum Selbstverständnis der deutschen Aufklärung. — Karl Alber, Freiburg/München, 1974, 247 pp.

A *Ilustração*, como é sabido, desenvolveu-se em direções sensivelmente diferentes nos seus centros principais de elaboração e irradiação. Trata-se, sem dúvida, de um único processo cujas origens, como mostrou H. R. Trevor Roper (*De la Reforme aux Lumières*, tr. fr., Paris, 1972) remontam aos princípios do século XVI, ao círculo dos humanistas "esclarecidos" que tem Erasmo como centro. Os impulsos iniciais desse processo perdem muito da sua força com o insucesso final da pregação erasmiana e a abertura do ciclo dos conflitos político-religiosos, ou seja, com o crescer das vagas de intolerância e fanatismo que subergem a Europa até meados do século XVII. Mas esses impulsos

permanecem, embora atenuados na sua força, e alimentam uma corrente ininterrupta através da Europa dividida pelas fronteiras político-religiosas e obscurecida pela epidemia psicossocial da "caça às bruxas". (A relação entre as divisões religiosas e o ciclo da "caça às bruxas" foi estabelecida luminosamente por Trevor Roper, *op. cit.*, 133 segs., e o caráter de patologia social da "possessão" demoníaca, na hora mesma em que se preparava, com o advento de uma nova ciência da natureza, a retomada da marcha da *Ilustração*, foi estudado de modo magistral por M. de Certeau a propósito de um caso exemplar: *La Possession de Loudun*, Paris, 1970). Nos fins do século XVII, na Inglaterra de Locke, na França de Bayle e Fontenelle, na Alemanha de Ch. Thomasius, o movimento iniciado por Erasmo cresce e se avoluma, até tornar-se dominante: o século XVIII será, por excelência, o século da *Ilustração*. A partir daí ele se divide, acompanhando o diverso relevo político-social dos três

países, e carregando tradições culturais diferentes. É certo que a identidade das origens permanece, e se exprime exatamente na oposição entre o "esclarecimento" que vem da maioridade da razão autônoma e o obscurantismo que vem da menoridade da crença numa autoridade externa, segundo os termos célebres de Kant. No entanto, a transformação da Inglaterra na primeira sociedade liberal moderna faz perder rapidamente à *Ilustração* inglesa o caráter polêmico e lhe confere a feição clássica de ceticismo amável e de moralismo utilitarista que a distingue. Será justamente o caráter polêmico que irá constituir o traço dominante da *Ilustração* francesa. Ela se desenvolve, com efeito, num contexto político-social onde o endurecimento das velhas estruturas cresce na medida mesma em que a vida as abandona, e que se encaminha inexoravelmente para um desenlace revolucionário dos seus conflitos. Independentemente da intenção dos seus protagonistas, a *Ilustração* francesa vem a percorrer assim, como mostrou D. Mornet num livro clássico (*Les origines intellectuelles de la Révolution française*, Paris, 1933) os pró-dromos da transformação revolucionária da sociedade. A *Ilustração* alemã segue um roteiro diferente, seja da inglesa quanto da francesa. Também nesse caso as razões da diferença são de ordem político-social. Por longo tempo convalescente das destruições da guerra dos 30 anos, a Alemanha permanece socialmente atrasada e politicamente dividida. Assim, o caráter nacional da *Ilustração* alemã configura-se num plano mais teórico. Ela se apresenta mais literalmente fiel à inspiração de um movimento que busca as suas origens em Erasmo, o pedagogo da Europa humanista. A *Ilustração* alemã foi, antes de tudo, um intento de *Aufklärung*, de "esclarecimento", assumindo conscientemente a tarefa educadora de uma sociedade em estado de menoridade histórica. Essa orientação pedagógica da *Ilustração* alemã explica igualmente a feição prática dos problemas por ela formulados. De um lado, o problema da sua aliança com o poder político que, sobretudo na Prússia de Frederico II, empenhava-se na transforma-

ção de uma sociedade imobilizada pelos laços de um feudalismo anacrônico. De outro, o problema da utilização da religião cristã (o Protestantismo nas regiões protestantes, o Catolicismo nas católicas), outrora fonte de divisão e obscurantismo, como força social favorável ao "esclarecimento". No seu conjunto, a *Ilustração* alemã não foi anti-religiosa, outra marca que a distingue das suas congêneres inglesa e francesa. Por outro lado, esse caráter pedagógico da *Ilustração* alemã, numa sociedade ainda distante das condições objetivas de transformação das suas estruturas profundas, levou-a progressivamente a voltar-se sobre si mesma e a interrogar-se sobre a significação da sua tarefa de "esclarecimento" do povo. A autocomunicação da *Ilustração*, o "esclarecer-se sobre o Esclarecimento" (*Aufklärung der Aufklärung*), passa a ser, nos últimos vinte anos do século XVIII, o tema central de uma rica literatura que W. Schneiders recupera do esquecimento e analisa metodicamente no livro que estamos apresentando. Com efeito, uma grande querela domina a Alemanha no último vintênio do século. Seu início situa-se no ano de 1780, em que foi publicado pela Academia de Berlim o concurso sobre a questão proposta em 1777 por Frederico II: "É útil enganar o povo, seja induzindo-o a novos erros, seja mantendo-o naqueles nos quais já se encontra?" (p. 28). Era a própria significação da *Aufklärung*, na sua dimensão político-pedagógica, que se propunha assim à discussão. Schneiders mostra, no entanto (pp. 19-20), que causas mais profundas levam a *Aufklärung* alemã a esse longo esforço de auto-reflexão, que só irá terminar quando uma nova geração — a geração imediatamente pós-kantiana (p. 187) — for solicitada por novos problemas que marcarão, por sua vez, o fim do ciclo setecentista da *Ilustração*. De um lado, a própria amplitude do processo histórico da *Aufklärung*, que já a partir da metade do século se impunha como um movimento vitorioso, suscitava interrogações a respeito das suas conseqüências: o "esclarecimento" do povo será um bem ou será um mal? De outro lado, a tradição racionalista

herdada pela *Aufklärung* irá despertar as reações que confluirão no *Sturm und Drang* e, finalmente, no romantismo. Deu qualquer maneira, esse "fim de século" em que a *Aufklärung* alemã se interroga, assume um caráter exemplar e antecipador de posteriores "fins de século" (o fim do século XIX e já de certo modo, o fim do nosso século), nos quais o imenso projeto de efetivação histórica da Razão ocidental, explicitado metodicamente desde os tempos cartesianos, se detém em meio ao seu curso e volta-se sobre si mesmo para questionar-se sobre a própria significação. O rico material recolhido por W. Schneiders organiza-se em tópicos que reconstituem uma certa ordem cronológica no itinerário de auto-reflexão da *Aufklärung* alemã: a "atualização da reflexão (pp. 27-80)", ou os diversos ângulos de exame religiosos, políticos, sociais e pedagógicos, da *Aufklärung*; o "confronto com a reação (pp. 81-126)"; o "desafio da Revolução (pp. 127-188)". O balanço final de Schneiders ("Aporias da *Aufklärung*", pp. 189-214) percorre os pólos opostos entre os quais oscilou a *Aufklärung* no seu intento de realizar-se historicamente, e mostra a sua atualidade, na medida em que os problemas levantados por esse primeiro projeto sistemático de "esclarecimento", transmitem-se aos tempos posteriores que recebem a sua herança. Desta sorte, é num terreno de atualidade que Schneiders coloca a sua questão final: *Como é possível a Aufklärung?* (p. 209 segs.). Aí são acentuadas fortemente as exigências morais de um autêntico propósito de "esclarecimento" do povo, exigências que implicam, antes de mais nada, o constante esforço do "auto-esclarecimento". Mas, por outro lado, Schneiders, num convite a uma tarefa de reflexão mais rigorosa e mais profunda, conclui pela insuficiência das respostas até hoje dadas ao problema da possibilidade da *Aufklärung* como tal. No momento em que, sobretudo na América Latina, os projetos históricos de "conscientização" (versão contemporânea, para o Terceiro Mundo, do que foi o "esclarecimento" na Europa setecentista), afrontam a hora inevitável da

reflexão sobre si mesmos, da "conscientização sobre a conscientização", esse livro de W. Schneiders oferece sugestões altamente estimulantes e nos impele para o centro dessa temática da *práxis* conscientizadora, que nos desafia com exigências sempre crescentes de autenticidade.

H. C. Lima Vaz

**MARSHALL MCLUHAN COM
WILFRED WATSON — Do
Clichê ao Arquétipo. Tradução
de Ivan Pedro de Martins, Rio
de Janeiro, Ed. Record, 1973,
246 pp.**

É uma obra na qual McLuhan afronta as convenções a que obedece a apresentação de um livro: a numeração é marcada no meio da página; a introdução, que aliás não introduz a nada, aparece na página 140; em plena leitura, tropeçamos com o índice, o que não impede que o texto continue na página seguinte. Basta passar os olhos pelo índice, para perceber que os temas tratados são descontínuos, sem obedecer a nenhuma seqüência lógica. Dentro de cada capítulo, as idéias ocorrem justapostas. A propósito de citações torrenciais, colhidas desde Aristóteles até Linus Pauli, sem que apareça claro o nexo que as associa. É uma obra enfartada de citações, a ponto de parecer o comentário de uma pilha de notas bibliográficas levantadas a esmo no arquivo do autor.

Reagindo contra a cultura visual, McLuhan adota um modo musical, sonoro, de pensar e de exprimir-se. Nada é definido com precisão, nem mesmo os conceitos-chave de clichê, arquétipo, sonda. As idéias não são elaboradas, mas sugeridas, por acaso, onde menos se espera. Entrando num capítulo qualquer, tem-se a impressão de entrar num espaço sonoro, cheio de alto-falantes ocultos, que emitem sons desconexos. As próprias palavras são carregadas de sentidos ambíguos, formando frases absolutamente herméticas. Neste ponto, é forte a influência de Yeats e Joyce sobre McLuhan.

O livro termina "ex-abrupto", como começara, mas poderia continuar indefinidamente, como certas músicas jovens, que não têm princípio nem meio nem fim. No meio de todo o ruído de sons desconexos, acontece que se ouve por vezes algo que faz sentido, conquanto procurar algo que faça sentido parece ser uma preocupação obsoleta e descabida. Por vezes se ouve algo que revela uma intenção cintilante. Curiosamente porém tal sucede com mais frequência nas citações do que no próprio texto. Seria o caso de perguntar: afinal, a que leva esse esnobismo anticonvencional? Confesso que a mim não levou a nada, ou a quase nada. Apreendi confusamente a própria idéia central da obra, se é que uma obra musical tem uma idéia central: do clichê ao arquétipo?! Quererá ele dizer que as novas tecnologias criam clichês que funcionam como sondas para recuperar arquétipos de um passado sumerso, ou do "lixo cultural", no qual as novas descobertas relegam as antigas? Pode ser que seja, mas se for esta a idéia central aparece por acaso, numa frase perdida. Entretanto, como um harmônico deste tema central percebe-se um outro em que McLuhan prolonga sua análise da cultura contemporânea. Ele não fala mais apenas na "aldeia global", mas no "palco global". Os meios eletrônicos de comunicação reduzem a humanidade à condição de espectadora, diante do imenso palco global, dentro do arco de prosclênio formado por satélites, no qual todos representamos papéis. McLuhan, por outros caminhos, descobre a sociedade do espetáculo.

A tradução de Ivan Pedro de Martins é bem feita, conquanto deva ser difícil traduzir McLuhan. Sua introdução é muito inteligente, mas parece omissa. Nela, o tradutor se refere mais no McLuhan da Galáxia de Gutenberg e dos Meios de Comunicação. Não introduz ao pensamento do livro que traduz, no qual revela apenas uma mensagem relativa ao sentido da função do artista: criar um anti-ambiente que permita chegar à consciência do ambiente. Mas não me parece

ser esta a idéia central desta obra. De resto, por duas vezes McLuhan reporta-se ao dito de Mallarmé a Degas: "um poema não se faz com idéias, mas com palavras". Quero crer que desta vez McLuhan não pretendeu escrever um livro, mas fazer um poema.

Fernando Bastos de Ávila S. J.

OTTO DANA — Os Deuses Dançantes: Um estudo dos Cursilhos de Cristandade. (Cid Pastoral/4), Vozes, Petrópolis 1975, 171 pp., 14 x 21 cm.

O tema "Cursilho" torna-se hoje importante, não só por causa da magnitude estatística dos que de qualquer modo entraram em contato com ele, mas também porque simboliza um tipo de pastoral, reflexo de uma consciência de Igreja. Por isso, um estudo sério, consciencioso sobre ele, como o que temos diante, dentro dos limites da pesquisa que o autor se propôs, é contribuição válida para a pastoral.

A pesquisa refere-se ao movimento de Cursilho de Piracicaba, sobre cujos dados empíricos trabalha o autor. Entretanto, ele crê que esta delimitação do campo de pesquisa não impede que as consequências do estudo se ampliem, já que se pode falar de uma "mostragem significativa" do que ocorre com o "cursilho" e "o cursilhista", em qualquer lugar. Naturalmente esta extensão não acontece sem certo risco, já que se baseia antes numa intuição, percepção ou informação não controlada cientificamente. Pois mesmo dentro de estruturas rígidas de movimentos tem acontecido mudanças bastante relevantes, que certamente podem invalidar algumas conclusões tiradas em outro lugar. Fica, portanto, esta pequena suspeita. Esta diz mais respeito a um dos mais importantes fatores de mudança: o impacto. Como as críticas têm sido constantes e fortes quanto ao abuso dos elementos impactuantes, não é de estranhar que se tenham introduzido mudanças. E na presente análise do

"cursilho" este fator aparece como determinante.

A estrutura do livro é muito simples. Há uma 1.ª parte introdutória, em que se oferecem um perfil histórico dos cursilhos, sua estrutura e a justificativa em termos de sociologia da religião da escolha do cursilho como objeto de análise. Na 2.ª parte, o autor elabora, baseado nas obras de P. Berger, um instrumental de análise dentro do campo da psico-sociologia do conhecimento. Este instrumental consiste fundamentalmente em analisar a conversão como uma redefinição biográfica e do aparelho de conversão. O pressuposto básico consiste em que cada pessoa vai durante sua vida lendo-a dentro de uma chave de interpretação que é fruto da relação dialética da sua autoconsciência e do suporte social que ela recebe, através sobretudo da conversa. Toda conversão supõe uma mudança da autodefinição e conseqüentemente do aparelho de conversão, isto é, do seu suporte social. Ela é causada por fatores que aumentam o grau de insatisfação, de anomia, já existente na pessoa, fazendo que ela se perceba como insustentável na sua autodefinição anterior e provocando um momento ulterior de redefinição.

A partir de tal instrumental, o autor procura ver qual é esta autodefinição no momento "antes", qual é redefinição no momento "depois", e que fatores são determinantes nessa mudança. Esta análise é baseada em depoimentos, em observação pessoal durante os cursilhos e documentação disponível sobre o mesmo. Feita com muita leveza de um lado e seriedade do outro, a leitura se torna agradável. Os elementos mais críticos são deixados em geral ao leitor, ficando o autor no aspecto mais descrito e interpretativo da mudança e não valorativo dos fatores causadores. Há somente pequenas frases críticas, mas o tom é antes constativo.

Entre os elementos causadores da mudança é dado maior relevo ao impacto, nas suas diferentes formas. Está fora do interesse do autor uma reflexão de cunho ético-religioso sobre a validade, liceidade do uso de tais fa-

tores. O mesmo acontece a respeito dos conteúdos doutrinários. São expostos, mas não submetidos a nenhuma crítica teológica mais radical, nem ideológica.

A 3.ª parte, dedicada às funções psico-sociais, religiosas e político-sociológicas do Cursilho, assume uma posição mais crítica, ora de modo implícito ora explícito. Em última análise, considera o Cursilho como um movimento que tenta um reajustamento do cristão dentro da atual sociedade, sem questionar-lhe as estruturas, de modo radical. Pressupõe que a ordem vigente é boa, somente que há vícios e defeitos decorrentes de fraquezas humanas pessoais e o cursilhista é convidado a corrigir as suas: Na esperança de que todos se corrijam e se crie então uma sociedade justa, a perspectiva cursilhista é intimista, individualista e sacralizante do "status quo".

O importante de tal crítica é que ela certamente pode ser estendida a toda uma ampla visão pastoral muito aceita nos meios eclesiais, da qual o cursilho é um exemplo. Daí que as observações de O. Dana são realmente pertinentes e levanta de fato suspeitas bem fundadas do caráter ideológico de tal movimento e de tal perspectiva pastoral, que está na origem do cursilho e similares.

Esta parte do livro merece ser levada bem a sério e discutida em meios eclesiais de planejamento, para que facilmente não se caia na ilusão no trabalho apostólico. Os mesmos pressupostos analisados pelo autor no movimento de Cursilho serão certamente encontrados em obras apostólicas educacionais, em missões populares que ainda são feitas mesmo em cidades grandes etc...

A análise oferece-nos uma percepção do processo interno do cursilho, enquanto provocador de um mudança interior das pessoas, mostrando como esta não afeta diretamente o mundo sócio-político circundante. Entretanto parece-me que o instrumental não é indicado para desvelar outros aspectos importantes do surgimento e êxito do movimento. Levantaria a título de exemplo uma suspeita, se o sucesso

dos Cursilhos não teria também relação com o chamado "milagre econômico", à sensação de euforia econômica que se apossou de uma pequena classe do país e precisamente onde o cursilho teve êxito. O instrumental não ajuda em nada a descobrir elementos referentes às estruturas sócio-econômico-políticas. É uma debilidade grande e que vela a descoberta de elementos importantes na "redefinição biográfica". Até onde se pode valorar a tal ponto o momento dos três dias sem vé-lo no conjunto da situação social global de classe em que vivem os cursilhistas. O defeito não vem do estudo, mas do instrumental que não pode ir mais longe. Talvez se pudesse completar esta análise com outros elementos de um instrumental mais ligado às infra-estruturas, com maior mordência no real.

Dentro da perspectiva proposta e da limitação do instrumental, a obra é realmente digna de ser lida, meditada, discutida e poderá, sem dúvida, trazer muitos elementos de enriquecimento para a pastoral. Serve para abrir-nos os olhos para uma visão de conversão muito comum e que restringe a um plano assaz individualista, intimista.

J. B. Libânio

EDÊNIO VALLE, SVD — Religiosidade Popular: Evangelização e Vida Religiosa — ("Coleção Vida Religiosa": Temas Atuais nº 4), Coedição Vozes/CRB, Petrópolis — Rio 1975, 35 pp., 13 cm x 18 cm.

Opúsculo denso e rico em conteúdo. Merece ser lido mais de uma vez para que se possa captar-lhe a riqueza e força sugestiva. Numa primeira parte, o autor trata de uma questão mais geral e conhecida: a necessidade da inserção no meio do povo por parte dos religiosos a fim de processar-se verdadeira evangelização. Esta supõe uma comunhão cultural. Já não se pode mais conceber a Evangelização como o despojamento da cultura popular por meio de uma outra cultura

em nome da fé a ser anunciada e aceita. É o problema da indigenização, que no Sínodo de 1974 fora levantado sobretudo pelos bispos da África. O problema põe-se de modo agudo para nós religiosos, que muitas vezes sofremos o mesmo despojamento de nossa cultura brasileira através de uma longa formação em moldes importados, conforme a origem de nossa família religiosa. Cabe falar da necessidade de "abrasileirar" a Igreja Católica e a Vida Religiosa (p. 14). Por isto toca aos religiosos a tarefa de assumir a sua parte na construção de uma Igreja nascida do povo, como expressão de sua libertação integral. Isto não se fará sem um discernimento que evita o duplo extremismo, do despojamento do popular ou de sua mitificação.

O aspecto mais original do trabalho está na 2.ª parte. O autor tenta interpretar o fenômeno da religiosidade do povo através de duas categorias psicológicas: "compartimentação" e "dissonância". O nosso povo assimilou num "compartimento" mais profundo sentimentos, crenças, atitudes e valores da cultura africana e indígena. São esquemas psicológicos de percepção, motivação e comportamento densamente impregnados de emoção, de uma coerência psicológica e emocional, mas não sistematizados em quadros racionalmente organizados. Num segundo compartimento, em relação dialética com o primeiro, a cultura do dominador fez seu processo de socialização. Não se trata nem de uma simples repressão da cultura popular, nem mesmo de um sincretismo harmonioso. A categoria de compartimentos parece explicar melhor a existência de camadas tão opostas sem se destruírem mutuamente e a possibilidade de emergência das camadas mais profundas em situações em que a cultura opressora modifica sua incidência, como acontece no momento atual.

A categoria de "dissonância" acrescenta um aspecto de "decisão", "escolha", "compromisso", que a categoria anterior não tinha. A "dissonância" refere-se a duas cognições que são incompatíveis não somente logicamente mas especialmente dentro da própria ex-

periência da pessoa. Na medida em que novas situações sócio-culturais permitiram ao povo simples assumir sem medo e repressão escolhas e engajamentos na linha religiosa correspondentes às suas camadas mais profundas, o "catolicismo oficial" tornou-se dissonante, levando o povo a distanciar-se dele.

A leitura do breve trabalho de E. V. nos ajuda a compreender muitas das manifestações do comportamento religioso de nosso povo e nos faz penetrar mais profundamente nas raízes do fenômeno. Leva-nos a superar a categoria simplista da "ignorância" do povo, da falta de padre, da catequese deficiente estatisticamente, para colocar-nos diante de uma realidade muito mais profunda: o processo psico-genético da assimilação de uma cultura exógena.

Teria somente um ligeiro reparo quanto à interpretação de que um povo oprimido não está em condições de elaborar uma resposta sua, uma síntese comportamental nova que possa se impor como proposição cultural autônoma (p. 32). Creio que se trate antes de uma impossibilidade nossa de perceber esta "autonomia cultural" existente e esta "síntese comportamental nova" do que da sua não existência. Esta cultura popular não consegue impor-se no sentido de tornar-se dominante, porque exatamente está dominada. Mas a diuturna resistência e a infrangibilidade dessas estruturas religiosas afro-indígenas mostram, sem dúvida, uma maneira original de impor-se, de tal modo que nos sentimos frustrados diante de nossa incapacidade evangelizadora. E esta religião impõe-se hoje de modo mais forte que muitas formas da religião dominante.

A partir dessas reflexões do autor, podemos tirar conclusões de cunho pastoral mais realistas e não nos iludir-nos com panacéias baratas. O problema da evangelização tem uma complexidade bem maior que um leigo em psicologia social não consegue perceber. Daí que este tipo de reflexão é contribuição valiosa dentro de uma série de outros estudos sobre evangelização.

J. B. Libânio

ALBERTO ANTONIAZZI — Os Ministérios na Igreja Hoje — (Cadernos de Teologia e Pastoral, 1), Ed. Vozes, Petrópolis 1975, 60 pp., 14 x 21 cm.

Com este trabalho, as Ed. Vozes lançam nova coleção que será constituída por estudos e pesquisas de especialistas em Teologia e Pastoral, sob a coordenação do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB. Entretanto os textos não se revestem de nenhuma autoridade ou recomendação oficial, mas a que merece a competência do respectivo autor. Cabe ainda dizer, que se trata de trabalhos que foram discutidos, uns deles longamente, em sucessivas reuniões do grupo pluridisciplinar de peritos do INP. Isto lhes confere um valor especial no sentido de ter havido maior participação de outros na gênese, mesmo que sempre cabe ao autor a última palavra responsável.

O tema abordado pelo nosso autor é de suma atualidade. Na exortação Apostólica "A Evangelização no mundo contemporâneo", Paulo VI mostra "grande alegria" em que procurem novos ministérios e incentiva tal processo. Mais ligados à nossa realidade concreta, percebe-se que nas Comunidades Eclesiais de Base se tem vivido tal problema com muita agudeza e começam a surgir experiências criadoras de ministérios. É antes um processo vital, espontâneo, ainda não acompanhado de uma reflexão teológica madura. O trabalho de A. A. poderá, sem dúvida, apesar de sua brevidade e caráter sumário, indicar ao menos o novo espírito que está passando pela Igreja no tocante a esta problemática.

O opúsculo desenvolve o tema em três capítulos. No primeiro estudam-se os ministérios na Igreja do Novo Testamento. Apresentam-se, em forma bastante sucinta e descarregada da complexa problemática que agita tal campo da exegese, alguns elementos mais comuns e tranqüilos sobre os principais ministérios existentes na comunidade de Jerusalém, na época apostólica da expansão do cristianismo até parte do século II. O autor estuda

também a relação entre os ministérios e a comunidade, mostrando a grande participação desta no desempenho de certos ministérios, na escolha dos ministros, na criação de determinados ofícios. Termina o capítulo tirando algumas conclusões sobre especialmente a função da comunidade no processo originário dos ministérios. A brevidade do trabalho não permitiu ao autor abordar o problema fundamental da "normatividade" de tal evolução histórica e que significaria ser ela uma "vontade expressa de Cristo". Aludiu numa frase, a esta normatividade da Igreja primitiva, sem contudo indicar os inúmeros equívocos que pode haver na sua inteligência a partir de uma visão estritamente jurídica e não sacramental global.

O capítulo II sobre as Perspectivas atuais da Teologia dos Ministérios é o mais longo e tenta resumir dados da teologia atual sobre tal temática. Este ministério da Igreja deve ser entendido a partir de uma compreensão ampla da própria missão de Cristo profeta, sacerdote e rei. E numa perspectiva mais recente, é visto também dentro de um horizonte mais amplo de evangelização, que implica como momento interno a libertação. Assim num primeiro momento é toda a Igreja que é ministerial. E dentro desta responsabilidade global, surge a diversificação dos ministérios. Entre eles merecem uma reflexão especial, os presbiteral e episcopal, devido a sua importância histórica e teológica. Finalmente A. A. apresenta, muito rapidamente e de modo claro e interessante, a situação de tal problemática na perspectiva ecumênica da relação entre as diversas Igrejas. Baseando-se em documentos de diversas denominações eclesiais aponta os pontos já obtidos e o caminho a ser trilhado.

O opúsculo ajuda muito a situar-nos dentro da atual problemática. É antes informativo que crítico. Mas mesmo assim para muitos que estariam um pouco longe de tais questões, pode tornar-se um bom momento de reflexão e auto-crítica. Teríamos desejado, talvez, que certas reflexões fossem levadas mais a frente, por além da

simples referência, sobretudo em vista de uma problemática mais nossa.

J. B. Libânio

PIERRE E. BONNARD — Os Salmos dos Pobres de Deus: Influência Literária e Espiritual de Jeremias sobre 33 Salmos — Col. Estudos Bíblicos 2 (tr. José Cegalla), Ed. Paulinas, S. Paulo, 1975, 305 pp.

Após um capítulo em que apresenta a originalidade de Jeremias, seja no campo literário (expressões e estilo) seja no campo das idéias, o autor analisa 33 salmos, descobrindo neles a marca do Profeta de Anatólia.

Desses 33 salmos, 21 são devedores principalmente à influência das idéias e mais ainda da experiência espiritual iniciada por Jeremias. Outros 12 se ligam mais por aproximações literárias. Isso não significa exclusividade, pois é claro que os salmistas da época posterior ao exílio (neste período se colocam os 33 salmos examinados, com poucas discordâncias de certos exegetas, para um ou outro salmo), sintam o peso da corrente espiritual que remonta a Jeremias, mantida no povo pelos profetas subsequentes (tais como o 2.º e o 3.º Isaias, Jó). Ao mesmo tempo é natural que os salmos mais filiados à linha de idéias retenham também expressões tipicamente jeremianas.

A intenção do autor é demonstrar a influência de Jeremias nos salmos indicados. Evidentemente nem todos os argumentos são plenamente convincentes. O tema gira em torno de um campo impreciso no qual muitas vezes autores credenciados discordam. Bonnard está ao par das opiniões desses autores e, às vezes, explicita essa dificuldade, mostrando o paralelismo entre Jeremias e o salmo, mas não se definindo a respeito de qual dos dois seria o influenciado. Ou então mostrando que tal determinado ponto tem raízes mais antigas que o próprio Jeremias.

Sob um outro ponto de vista, Bonnard estabelece um bom sistema de leitura dos salmos referidos. Lançar sobre eles a luz da originalidade de Jeremias ajuda a compreendê-los melhor e a rezá-los melhor. Um exemplo basta para ilustrar. O salmo 109 (108), tão terrível em imprecções contra os inimigos (a tal ponto que o livro litúrgico — *Oração do Tempo Presente* — não o coloca em nenhum lugar para ser rezado), fica bem mais compreensível e até adquire uma luz em seus versículos finais em que canta o amor do Senhor Javé pelos pobres.

A grande maioria dos salmos estudados (18 sobre 33) são salmos de lamentação (individual ou coletiva) e se inspiram dos textos chamados Confissões de Jeremias (entre os capítulos 11 e 20 do profeta). A leitura e o estudo destes trechos ajudam a compreender o espírito dos salmos. Entende-se porque o tradutor brasileiro intitulou o livro — *Salmos dos Pobres de Deus* —. A situação de um sofredor (indivíduo ou povo) que padece injustamente, que reza por seus perseguidores, que confia no Senhor e tem certeza da vitória, retrata bem o pobre (ani — ebion) já no seu sentido espiritualizado do pós-exílio.

Após a análise dos salmos o autor faz um resumo das linhas de vida espiritual retraçadas nos salmos. Em parte repete, à luz dos salmos, a apresentação do capítulo inicial. É o próprio Jeremias vivido na história de 3 séculos.

No fim, um capítulo que corresponde a uma observação importante. Os salmos mais aplicados a Jesus Cristo e mais colocados em sua boca pelo Novo Testamento fazem parte do salterio jeremiano. A figura do pobre de Javé, vivida por Jeremias e pe'os piedosos judeus após o exílio, fica ressaltada e definitivamente marcada por Cristo Jesus.

Uma palavra sobre a tradução. Infelizmente deixa a desejar. Principalmente na tradução do texto dos salmos. Como o autor segue a tradução francesa da Bíblia de Jerusalém, a

tradução brasileira do livro vem muito calcada sobre o texto francês, com prejuízo da beleza e mesmo do sentido do salmo.

P. Maurilo Sampaio

FAIRE DE L'HISTOIRE — Sob a direção de Le Goff (Jacques) e Nora (Pierre). I. Nouveaux problèmes. II. Nouvelles approches. III. Nouveaux objets. — **Éditions Gallimard, Paris 1974, 230, 252 e 281 pp.**

Esta obra, como declaram os organizadores no prólogo, não pretende oferecer um panorama da história atual: nem do campo da história, nem da historiografia contemporânea. Isto, aliás, seria quase impossível, dada a amplitude praticamente ilimitada da história em nossos dias.

Obra de colaboração — são pesquisadores em plena atividade os que apresentam seus métodos e resultados — pretende algo mais limitado, mas também mais estimulante, isto é, expor os últimos avanços da investigação nos novos campos de penetração histórica, ou nos antigos, aparentemente já esgotados. É o que poderia intitular-se de história "nova", assim como se fala de matemática ou linguística "modernas".

O "novo" aparece aqui referido a três processos: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Cada um destes aspectos constitui o conteúdo de um volume.

O primeiro volume, "novos problemas", está formado por uma série de nove artigos que "colocam em causa a própria história". Este questionamento, na realidade, parte de diversos campos. Em primeiro lugar, da pressão que as ciências sociais de tipo quantitativo, como a demografia e a economia, e as ciências humanas não ligadas diretamente ao acontecimento e ao tempo, como a antropologia e a etnografia, exercem sobre o conceito tradicional da história, a ciência das socie-

dades no tempo. O alargamento do campo da história, que estas ciências vizinhas possibilitam, questiona os sistemas de explicação histórica, estabelecidos pelo uso. A história das representações sociais, das ideologias e das mentalidades, por outra parte, com suas continuidades e rupturas, de difícil inserção num único esquema explicativo, desafiam qualquer fórmula rígida de aplicação invariável, como parece ser o caso do marxismo. Por último, a nova concepção de história contemporânea, como história imediata, ou história do presente, parece opor-se frontalmente à definição tradicional de história "ciência do passado".

Esta problemática do momento, paira sobre os estudos dedicados neste volume à operação histórica, ao quantitativo em história, à história conceptualizante, à história dos povos primitivos e à história antes da escrita, à história marxista, e o papel atual do acontecimento na síntese histórica.

O segundo volume, "novas abordagens", apresenta, como indica o título, as novas perspectivas e resultados que os métodos de pesquisa atual podem produzir em campos da história tradicional: a arqueologia, a economia, a demografia, a religião, a literatura, a arte, as ciências e a política. Poderíamos tomar como exemplo o artigo de Pierre Chaunu, "A economia: superação e prospectivas", e o de Jacques Julliard, "A política".

Chaunu constata a rápida evolução da história econômica, desde sua tímida aparição nos livros de história, como um pequeno capítulo isolado, por volta de 1890, até sua formulação científica a partir da década de trinta, através das séries estatísticas de preços e, mais tarde, na forma de história conjuntural e história quantitativa, depois de 1950. Mas hoje esta história econômica, tão volumosa e de métodos tão aperfeiçoados de análise, começa a ser sentida como insuficiente e estreita por limitada a um campo parcial da atividade humana. A história meramente econômica deve ser superada. Seus métodos, contudo, abrem uma via que possibilita tal superação sem perder o rigor: "o retor-

no do serial e a introdução do quantitativo ao terceiro nível". É o que o autor denomina de história serial. O método serial converte-se num instrumento dúctil de análise que tanto pode ser empregado para uma história da administração, como para verificar a evolução do sentimento religioso através das atitudes diante da morte. Assim, o serial se constitui num novo método de análise de qualidade. Isto abre caminho à possibilidade de tentar os grandes conjuntos, última aspiração da história: os sistemas de civilização.

Jacques Julliard, por sua parte, verifica que depois da longa quarentena a que historiadores tinham condenado a política — para corrigir, sem dúvida, os excessos anteriores —, atualmente a pesquisa histórica volta a interessar-se por este campo. A que se deve esta mudança de atitude? Evidentemente, à importância cada vez maior que a política vem assumindo nas sociedades contemporâneas: a "sociedade programada" é produto ou expressão da política entendida como "intervenção consciente e voluntária dos homens nos domínios onde se decide seu destino". Por outra parte, a história política participa igualmente da riqueza de métodos e perspectivas que caracterizam a historiografia contemporânea. Deixou de ser por necessidade uma história de "curto fôlego", condenada a não se elevar de nível do acontecimento. Hoje a política pode usar o método serial e entra no domínio da longa duração, pode expressar-se de forma quantitativa e encontrar suas raízes nas estruturas mentais.

Como todos os aspectos parciais da história, a política necessita de uma problemática para seu crescimento: o poder e sua repartição há de constituir seu objeto no futuro. O atraso em que encontrava a história política é um estímulo para queimar etapas, — como acontece aos países subdesenvolvidos —, dando o salto diretamente da história fátual aos mais audazes e requintados métodos da história última.

O terceiro volume, "novos objetos", constitui-se de doze artigos, que pode-

riam ser classificados em dois grupos: 1) novos objetos da pesquisa histórica e as técnicas ou métodos correspondentes; neste grupo se enquadram estudos sobre o clima, as mentalidades, a lingüística, a doença, a opinião pública e as sondagens, o filme como testemunho histórico; 2) exemplos de pesquisa histórica num terreno-limite, ou por meio de uma nova técnica. A este gênero pertencem os artigos: "O inconsciente — o episódio da prostituta em *Que fazer* e em *Memórias do subsolo*", estudo sobre a mentalidade dos revolucionários russos feito por meio de uma interpretação psicanalítica destes dois romances de Tchernychevski e Dostoievski; "O mito: Orfeu e o mel", interpretação de tipo estruturalista do mito de Orfeu, tal como apresentado por Vergílio nas *Geórgicas*, com conclusões sobre a mentalidade antiga com respeito à mulher, ao casamento etc.; "Os jovens: o cru, o menino grego e o cozido", estudo sobre os ritos de iniciação dos adolescentes gregos em Atenas e Esparta; e, finalmente, dois estudos um sobre a alimentação no século XIX — "A cozinha: um menu do século XIX" — e outro sobre "A festa: sob a revolução francesa".

Desta forma, demos uma informação mais de existência que de essência ou consistência sobre estes três volumes tão ricos de informações, de reflexão sobre os problemas e possibilidades da história, de sugestões e modelos de pesquisa, e talvez principalmente de indicações bibliográficas.

É evidente, de resto, tratando-se de uma obra composta por trinta e um estudos e escrita por trinta e três autores — todos menos um franceses — que se encontrem nela acentuadas diferenças de nível e de exposição. Mas não deixa de surpreender a alta qualidade da maioria das colaborações unida à perfeição e elegância da exposição, que tornam a leitura um prazer.

Se considerarmos que no mesmo ano foi publicado também na França outro livro de reflexão sobre a história, "Aujourd'hui l'histoire", e que dos vinte e dois autores nele entrevista-

dos só um pequeno número coincide com os aqui recensados, teremos um testemunho impressionante da quantidade e qualidade da pesquisa histórica na França atual.

Luis Palacín

FAUSTO FRANCO — "El hombre, Construcción Progresiva: La tarea Educativa de Paulo Freire". — Editorial MARSIEGA, Fondo de Cultura Popular, Madrid, 1973, 247 pp.

Fausto Franco, Sacerdote español, vivió durante siete años como Misionero en América Latina interiorizándose en su trabajo pastoral por las necesidades de los grupos marginados y oprimidos. Fruto de esa experiencia y de su tarea docente en el Seminario de Misiones es este libro, escrito en un lenguaje llano pero amable a la par que sistemático y bien informado.

Los objetivos fundamentales de este ensayo se pueden resumir así:

a) Una presentación introductoria del pensamiento de Paulo Freire que no es una mera repetición y ordenamiento de citas de sus libros sino una madurada y concisa problematización de toda la obra Freireana (aunque abarca solamente hasta los textos de 1972), en un diálogo que permite rescatar los elementos esenciales de un pensamiento que, como el de Freire, esta en un continuo hacerse.

b) Un análisis pormenorizado de la relación Sociedad-Inglesia-Cultura Humana y Nivel de Conciencia dentro del marco global que aporta el pensamiento de Freire.

c) Y finalmente, elaborar meticolosas y enjundiosas reflexiones sobre una serie de temáticas profundamente imbricadas en la estructura teórica freireana (especialmente a nivel filosófico y más estrictamente antropológico), buscando sus raíces en otras corrientes de pensamiento contempo-

ráneas. Desde esta perspectiva, la discusión que Fausto Franco acomete de la relación entre Paulo Freire y el materialismo histórico es sumamente sugerente.

El método de exposición, si bien íntimamente relacionado con lo que se puede suponer fue su método de investigación, busca ir entroncando las problemáticas fundamentales desde una perspectiva histórico-crítica, incorporando una lectura comparativa de Freire y otras corrientes de pensamiento (por ejemplo Buber, Bergson, Mounier, etc.) para finalmente articular algunas propuestas hermenéuticas sobre los fundamentos de las raíces teóricas freireanas.

El trabajo consta de un prólogo, cinco capítulos, epílogo, anexo y bibliografía. El capítulo I denominado "Paulo Freire y su obra" intenta explicitar el entorno ideológico e histórico de la obra de Freire. El capítulo II denominado "El hombre en sus raíces" es uno de los primeros intentos existentes en bibliografía de lengua española, por desarrollar, analíticamente, la Antropología que bosqueja Paulo Freire en sus escritos. Esta es quizás una de las partes mejor logradas de todo el ensayo, aunque quizás, las categorías utilizadas — demasiado atadas todavía a esquemas filosóficos europeos —, no nos satisfagan confrontándolos con la actual discusión filosófica latinoamericana, la cual somete a un proceso riguroso de revisión dichas categorías por haber surgido en un contexto histórico distinto.

El capítulo III "La cosificación del Hombre" intenta explicitar — tratando de enmarcar dicha explicación en los contornos teóricos freireanos —, las trabas que surgen a ese hombre-proyecto como ser en conformación. Si el capítulo anterior había revisado las propuestas antropológicas en términos de posibilidad; es decir, en término del proyecto que el hombre tiene de sí mismo, en este capítulo lo enfrenta con el fenómeno de la alienación (*entfremdung*). Siguiendo los cuatro niveles que planteamos en el objetivo b), intenta detectar a nivel de Sociedad, Cultura, Iglesia y Nivel

de Conciencia del hombre, el fenómeno de la alienación según lo ve Freire. Entonces surge una "sociedad cerrada", una "cultura del silencio", una "iglesia colonialista" y una "conciencia mágica", respectivamente. Pero todavía es la lectura de la cosificación dentro de la dimensión más 'primitiva' de los niveles, dice luego Franco que: (...) "El cambio de la sociedad hacia procesos más intensos de urbanismo e industrialización hace que, de alguna manera, el hombre emerja de su fusión con la naturaleza y del mutismo total. En la medida en que se transforman los patrones económicos que imperan en una sociedad cerrada, determinados grupos de personas, principalmente estudiantes y grupos de intelectuales y trabajadores, empiezan a cuestionar y aún a poner en entredicho los esquemas "totalizadores" de la sociedad cerrada." Esta pasa a un estadio que se denomina 'sociedad en transición'. A esta sociedad en transición corresponde una conciencia transitorio-ingenua. Según Freire, tal pasaje se produce casi automáticamente" (pág. 108).

Entonces, en nuevas correlaciones sociales, nos encontramos con una 'sociedad en transición', una 'invasión cultural', una 'Iglesia modernizante' y una "conciencia ingenua".

Definido el fenómeno de la alienación en sus niveles, Franco pasa a tocar el tema relacionándolo con los actores principales: el opresor y el oprimido.

El oprimido, el hombre-objeto, tiene ciertas características o rasgos generales que lo identifican. En primera instancia es opresor al mismo tiempo que oprimido, esto explica "que la violencia horizontal sea expresión de la dualidad que reside en el oprimido" (pág. 117). Por otra parte vive una permanente autodesvalorización de sí mismo, que lo llevan a creer en la invulnerabilidad del opresor. Esa carga de fatalismo que durante generaciones se ha internalizado en la conciencia del oprimido se vuelca hacia Dios, y este aparece como un 'Patron todopoderoso'.

El opresor, comienza a ser caracterizado por Freire, a partir de las relaciones de explotación (y aquí marca muy bien Franco, la influencia en la fenomenología del opresor-clase opresora, de la obra de Albert Memmi en sus dos libros: "El hombre dominado: un estudio sobre la opresión", Madrid, Edicusa, 1972, y "Retrato del colonizado", Madrid, Edicusa, 1971).

Esas relaciones de opresión, generan una muy particular escala de valores en el opresor, con las siguientes características: 1.º) coloca en la cuspide de las aspiraciones el hecho de tener más y más; 2.º) son estrictamente materialistas, 3.º) manipulan la ciencia en su beneficio, y 4.º) "Una última consecuencia de todo el sistema de valores que campea en el universo mental de los opresores, se caracteriza por el hecho de que éstos tildan de inmoral cualquier intento que hagan los inferiores para interferir en el poder" (pág. 127).

Finalmente todo este capítulo termina con el punto 6, denominado "La alienación del trabajo y la lucha de clases", en el cual Franco, con una agudeza y pulcritud realmente notable, analiza y confronta los criterios antropológicos de Freire y Marx, buscando similitudes y diferencias, dice al respecto: (...) "Marx considera que la esencia del hombre es el trabajo. El define al hombre, por su relación con la naturaleza, mediante el trabajo.

Paulo Freire, en cambio, consecuente con toda la línea personalista, introduce la relación con los hombres como un aspecto esencial del ser humano, al mismo tiempo, que incorpora la 'conciencia de sí', dentro de la sociedad, como un tercer elemento básico del ser hombre" (pág. 133)

El capítulo IV denominado "Pedagogía que quiere ser construcción del Hombre" es el capítulo pedagógico por excelencia del libro, donde intenta fundamentar la tarea educativa de Freire no tanto como una pedagogía sino como una "antropo-poyesis". Allí discute las problemáticas de las dos dimensiones de la acción cultural (domesticadora o bancaria y liberadora),

ubica sus desarrollos pedagógicos como un método pedagógico que se convierte en una antropología o viceversa (siguiendo en este punto al excelente artículo de Ernani Maria Fiori, "Aprender a decir su palabra", prólogo a la "pedagogía del Oprimido", editado en castellano donde dice: "... las técnicas de dicho método acaban por ser la esterilización pedagógica del proceso en que el hombre constituye y conquista históricamente, su propia forma: la pedagogía se hace antropología (...) La antropología acaba por exigir y comandar una política" (op. cit., Edic. Siglo XXI, págs. 10-11), y finalmente analiza el método psico-social de alfabetización de adultos.

El capítulo V se denomina "Hacia la utopía del hombre sujeto" en el cual expone el momento límite del pensamiento freireano: la utopía. Por último, el epílogo aborda tres cuestiones diversas: los cuestionamientos y críticas que se le han efectuado a Freire; los razgos evocadores de su pedagogía y finalmente el cuestionamiento a la Iglesia.

Aquí es donde Fausto Franco toma posición y valora todo el pensamiento de Paulo Freire, dice al respecto: (...) "Al estudiar críticamente la obra de Paulo Freire es preciso recalcar con precisión donde se encuentra el campo de su originalidad. Para conseguirlo habría que distinguir bien entre: una filosofía de la educación, una teoría de los métodos y la técnica de los mismos. Para mí está claro que la incidencia de los aportes freireanos se sitúa en el segundo nivel. Mediante el 'método' de alfabetización de adultos se nos brinda una nueva 'racionalidad' de la tarea educativa. Paulo Freire ha construido un verdadero puente entre la abstracción filosófica y la metodología concreta entendida como conjunto de técnicas o procedimientos empleados en la transmisión de unas enseñanzas hechas" (pág. 242).

En resumen, nos encontramos ante una obra sumamente útil para todo aquel que desee introducirse en forma rigurosa y científica en el Universo freireano y quiera a la vez un texto

accesible y sencillo de leer. Este es su mayor valor. Quizás el investigador o el docente avezado en la lectura de Freire encuentre muchos aspectos como repetitivos, esto se debe a su carácter de introducción programada al pensamiento del autor, esto no obstante, quizás encuentre algunos aspectos originales que invitaran a la reflexión.

Una obra de esta envergadura tiene, necesariamente, defectos. Quizás entre los más notables se encuentren una bibliografía no muy bien organizada e incompleta o incluso puedan surgir algunas diferencias de enfoque en diversas cuestiones, pero estas pasan desapercibidas ante el valor didáctico de este ensayo que se nos presenta como una de las mejores introducciones al pensamiento de Paulo Freire en lengua española.

Carlos Alberto Torres

C. P. F. CAMARGO, F. H. CARDOSO, F. MAZZUCHELLI, J. A. MOISÉS, L. KOWARICK, M. H. T. ALMEIDA, P. I. SINGER, V. C. BRANT — São Paulo 1975: **Crecimiento e Pobreza** — Edições Loyola, São Paulo, 1976, 160 pp.

São Paulo é "a cidade que mais cresce na América Latina", diziam os anúncios nos bondes de antigamente. "É preciso parar o crescimento de São Paulo", proclamaram mais recentemente jornais e governantes. Os estudos e ensaios acadêmicos sobre a cidade — cujo número, embora crescente, não chega a ser grande — costumam também oscilar entre o entusiasmo por seu crescimento e a preocupação por suas mazelas: São Paulo é, ao mesmo tempo, a cidade síntese do Brasil moderno e o ponto

em que se concentram os diversos problemas sociais.

Este livro procura escapar desse movimento de pêndulo, entre a louvação das grandezas da cidade e as lamentações de seus problemas. Ele mostra como o desenvolvimento e a miséria são duas faces da mesma moeda no caso de São Paulo. Examina o crescimento da cidade do ponto de vista da situação social e econômica da população trabalhadora, que constitui a maioria dos habitantes de São Paulo.

O panorama descrito no livro ressalta as condições de vida e de trabalho da população, deixando de lado as lóas aos êxitos e progressos das elites. A análise fundamenta-se amplamente nas informações provenientes de estatísticas oficiais, de pesquisas patrocinadas por Universidades e outros órgãos públicos e privados. Mas o livro não se limita a reproduzir esses dados. Explica, de modo escrupuloso e sério, o que significam os números — naquilo que eles mostram e naquilo que encobrem.

O estudo foi realizado por pesquisadores do CEBRAP — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento — a pedido da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, que desejava conhecer, de forma sistemática e atualizada, os problemas que enfrenta a população da metrópole. O leitor encontrará neste livro uma síntese atual dos problemas de emprego, salários, habitação, transportes, saúde etc. que afetam os trabalhadores de São Paulo. Embora não se trate de obra de divulgação, o texto é simples e direto. Deste modo coloca-se à disposição, não somente dos especialistas e professores mas também de todos os interessados na melhoria das condições de vida da população.

G. Galache